

O PERFIL DOS ESTUDANTES DE ARQUIVOLOGIA DA UNIRIO EM 2004

Daniel Pena

Estudante de Arquivologia da UNIRIO

danielpena@iquebec.com

Wagner Ridolphi

Estudante de Arquivologia da UNIRIO

wridolphi@pop.com.br

Orientação: Prof^a Ana Celeste Indolfo

Professora do Departamento de Processos Técnico-Documentais da UNIRIO

anaceleste@arquivonacional.gov.br

RESUMO

Esta comunicação tem por objetivo examinar o perfil dos estudantes de Graduação em Arquivologia da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) no ano de 2004. Confronta os resultados obtidos em pesquisas antecedentes, realizadas pelas professoras Ana Celeste Indolfo, em 1996, e Anna Carla Mariz, em 2000, avaliando e apontando as modificações dadas no período de oito anos. O instrumento de pesquisa foi aplicado no período de 13 a 15 de setembro de 2004, em sala de aula, aos estudantes do terceiro ao oitavo período. Além das questões existentes nas pesquisas anteriores acerca de dados sócio-econômicos; hábitos culturais; estágio e trabalho; relação com o curso e a área arquivística, o questionário foi ampliado com novas abordagens. As questões observaram elementos. Os resultados confirmam mudanças em alguns aspectos e mostram uma transformação positiva no perfil dos estudantes.

Palavras-chaves: arquivologia, perfil estudantil, formação universitária.

1. INTRODUÇÃO

Esta comunicação apresenta os resultados de uma pesquisa, sobre os estudantes de Arquivologia da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), realizada em setembro de 2004, e as comparações com dados de pesquisas anteriormente realizadas.

O presente trabalho foi realizado por discentes como complementação e enriquecimento de sua formação acadêmica. A pesquisa permite avaliar o perfil dos estudantes através de uma “autovisão” e apresenta os posicionamentos sociais, culturais e econômicos observados.

Na UNIRIO, foram realizadas duas pesquisas sobre o perfil dos estudantes de Arquivologia. Em 1996, realizada pela professora Ana Celeste Indolfo e no ano 2000, pela professora Anna Carla Mariz. Nos demais cursos de graduação em

Arquivologia do Brasil também foi realizado este tipo de pesquisa. Na UFF – Universidade Federal Fluminense, em 1995, pelos professores José Maria Jardim e Maria Odila Fonseca; na UnB – Universidade de Brasília, em 2000, pelo professor Renato Tarciso Barbosa de Sousa e pela arquivista Rejane Soares Canuto; e na UFBA – Universidade Federal da Bahia, em 2001, pelas professoras Maria Teresa Matos e Erenilda Amaral e pelo bolsista Isaac Rozas Rios.

A atual pesquisa foi aplicada aos estudantes do terceiro ao oitavo período, que totalizam 206 dos discentes matriculados. Foram recolhidos 87 questionários, dos quais 5 não-respondidos, compreendendo um universo para análise de 82 questionários.

A seguir, apresentam-se dois quadros que comparam os dados apresentados nas pesquisas anteriores, oferecendo uma visão dos resultados já alcançados e dos pontos que ainda podem ser abrangidos:

Quadro 1: pesquisas realizadas na UNIRIO em 1996, 2000 e 2004

	UNIRIO 1996	UNIRIO 2000	UNIRIO 2004
Universo*	310	342	206
Cobertura**	26,7%	83,9%	40%
Período	1º/2º sem./1996	05/2000 a 08/2000	13 a 15/09 de 2004
Questões Centrais	- Relação com o curso e a área; - Hábitos culturais; - Perfil sócio-econômico.	- Estágio / trabalho do estudante; - Avaliação sobre o curso; - Hábitos culturais; - Dados sócio-econômicos.	- Dados sócio-econômicos; - Hábitos culturais; - Estágio/Trabalho; - Relação com o curso e a área arquivística; - Questionário qualitativo.

Quadro 2: pesquisas realizadas nos demais cursos pesquisados

	UFF 1995	UnB 2000	UFBA 2001
Universo*	204	309	107
Cobertura**	61,7%	45,9%	58,8%
Período	2º sem./1995	2º sem./1999-1º sem./2000	2º sem./2001
Questões Centrais	- Estágio / trabalho do estudante; - Avaliação dos sobre o curso; - Hábitos culturais; - Dados sócio-econômicos.	- Estágio; - Motivação pelo curso; - Hábitos culturais; - Dados sócio-econômicos; - Perspectivas profissionais.	- Estágio; - Emprego; - Relação com a área; - Perfil social; - Pesquisa; - Acesso ao curso.

* Número de estudantes regularmente matriculados no período de aplicação dos questionários.

** Percentual de questionários respondidos em relação ao universo de estudo.

2. OBJETIVOS

É certo que os discentes estão capacitados a realizar pesquisa, atividade intrínseca ao ambiente universitário. Para isso é importante que, contrapondo a perspectiva obtida em sala de aula com os resultados e análises realizados em suas pesquisas, os estudantes tragam novas proposições, enriquecendo sua formação acadêmica e contribuindo para a renovação dos questionamentos em sua área de conhecimento.

Para a realização deste trabalho foram estabelecidos os seguintes objetivos:

- Apresentar o perfil dos estudantes do Curso de Arquivologia da UNIRIO;
- Comparar os resultados atuais aos das pesquisas antecedentes;
- Apontar os problemas e anseios primordiais, além dos níveis de satisfação dos discentes através da ampliação do questionário com novos temas;
- Observar as relações do estudante de Arquivologia, como cidadão e como futuro profissional, indicadas nos estudos anteriores;
- Perceber o graduando em Arquivologia como estudante universitário.

3. METODOLOGIA

Primeiramente, foi feita uma leitura das pesquisas anteriormente realizadas, seguida de um levantamento sobre a literatura do tema em livros e periódicos.

O instrumento de pesquisa elaborado contém as mesmas questões centrais abordadas nas pesquisas anteriores, ampliado com novas perguntas de cunho qualitativo. A ampliação busca novas circunstâncias percebidas pelos pesquisadores, privilegiando-se não só as evidências quantitativas como também as qualitativas. O questionário foi dividido em cinco grupos de questões: dados sócio-econômicos; hábitos culturais; estágio/trabalho; relação com o curso e a área arquivística; e a última divisão foi composta de perguntas qualitativas sobre a formação e o papel dos arquivistas direcionadas a um projeto monográfico. Não foi requerida qualquer identificação por parte dos estudantes. O universo selecionado foi de estudantes do terceiro ao oitavo período, ou seja, estudantes que têm maior conhecimento dos problemas e melhor consciência de seus anseios como universitários, objetivando recolher informações mais precisas quanto aos elementos vivenciados e considerados satisfatórios.

Para quantificação dos dados foi utilizada uma base de dados que ofereceu resultados rápidos e precisos, que garantiram uma análise e avaliação mais perceptiva por parte dos pesquisadores.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Em primeiro lugar, os dados coletados e analisados foram comparados com os resultados das pesquisas anteriores observando-se variações significativas, tanto positivas como negativas, e até estabilidade do panorama.

A seguir, apresentam-se os dados relativos às novas questões inseridas no instrumento de pesquisa, ressaltadas as novas conjunturas percebidas pelos pesquisadores.

Em relação ao gênero, não houve alteração. Predomina uma ligeira maioria de discentes do sexo feminino. Em 1996 eram 57,8%, em 2000 61,7 % e em 2004 58,5%.

Ocorre, atualmente, uma concentração na faixa etária entre 23 e 27 anos (37.8%), que permaneceu estável. Porém, houve considerável aumento na faixa etária entre 18 e 22 anos (1996: 16.8%, 2000: 20% e 2004: 28%), e um declínio na faixa entre 28 e 32 anos (1996: 30%, 2000: 18%, 2004: 19,5%).

Na classificação da etnia como branca e não-branca, identificaram-se brancos 54% (1996 e 2004) e 51% em 2000. Em relação à cor, em 2004, identificaram-se como: parda 24%, preta 15%, outras 2,5% e 5% não responderam.

Quanto à religião, os resultados em 1996 foram: 54% católicos, 18% não-católicos (protestante, evangélico, batista, etc...) e 18% não responderam. Em 2000, 56.8% cristãos. Atualmente, apresenta-se o seguinte resultado: 71% possuem religião, 22% não possuem religião e 7% não responderam. Dos que possuem religião, apresentaram-se como católicos 39% e não-católicos 31%.

Com relação à renda familiar, foram empregados os mesmos valores monetários utilizados anteriormente. Acredita-se que não vale comparar estes resultados em virtude das desvalorizações financeiras ocorridas no período. Para este estudo observou-se que 28% da renda familiar alcançam até 1.000 reais, 22% mais de 2000 reais, 21% até 2000 reais, 18% até 1500 reais, 10% até 500 reais.

No quadro 3, nível educacional dos pais, nota-se que ainda predomina o número de pais e mães que não completou o ensino fundamental.

Quadro 3: Nível educacional dos pais

Pai (%)	1996	2000	2004	Mãe (%)	1996	2000	2004
Não completou o ensino fundamental	39,70	24,70	28	Não completou o ensino fundamental	40,9	27,9	24
1º grau completo	20,40	18,50	15	1º grau completo	16,8	19,1	19,50
2º grau incompleto	7,20	5,60	8,50	2º grau incompleto	4,8	7,7	8,50
2º grau completo	15,60	21,60	19,50	2º grau completo	24	23,7	27
Superior incompleto	2,40	6,30	5	Superior incompleto	3,6	6,3	7,50
Superior completo	10,80	19,10	13	Superior completo	8,4	12,9	7,50
Pós-graduação	-	-	5	Pós-graduação	-	-	4

Comparando com os resultados de 1996 e 2000, percebe-se que esse número, ainda significativamente alto, já foi maior, em torno de 40% em 1996. Para esta pesquisa foi incluída a opção pós-graduação que apresentou resultados em torno de 5%.

Com relação ao local de moradia, 80% residem na cidade do Rio de Janeiro, resultado estável em relação às pesquisas anteriores: 71% em 1996 e 81% em 2000. Os estudantes em sua maioria continuam a morar com os pais: 66% em 1996, 60% em 2000 e 68% atualmente. Porém, reduziu-se quase à metade o número dos que moram com esposo(a) ou companheiro(a): 18% em 1996 e 2000 e 9,5% em 2004. Há, presentemente, 12% residindo com outras pessoas da família e 6% sozinhos.

A frequência da leitura de jornal permaneceu estável em relação às pesquisas anteriores: 37% diariamente, 39% algumas vezes na semana e 24% lêem uma vez por semana ou raramente. Em relação ao jornal que é lido com maior frequência, o mais mencionado foi o jornal O Dia com 52% das citações, seguido de O Globo com 51%, Jornal do Brasil 21%, Extra 11%, Folha de São Paulo 2,5% e Gazeta Mercantil 1,5%. Destaca-se a numerosa e recente opção feita pelo jornal O Dia: 22% em 1996 e 26% em 2000. Houve a citação de três outros jornais: Extra (jornal popular), Folha de São Paulo (jornal de outro estado) e Gazeta Mercantil (jornal temático de finanças). A frequência regular de leitura de revista obteve leve queda, passando de aproximadamente 60% nas duas pesquisas anteriores para os atuais 50%. As

revistas mais apontadas foram: Veja com 19,5%, Época com 16% e Super Interessante com 7,5%.

A leitura de livro extracurricular foi feita por 82% dos pesquisados, quase dobrando o percentual de 1996 (42%), passando por 50% em 2000. Ainda com aumento significativo, podem-se enfatizar as visitas às exposições (museus, galerias de artes e centros culturais) que foram realizadas por 35% em 1996, 40% em 2000 e 65% em 2004. Verifica-se que as exposições citadas são bastante diversificadas uma vez que ocorreu recentemente nenhuma exposição de intensa divulgação e de volumoso curso de público.

Quarenta por cento dos estudantes informaram que assistem televisão duas horas por dia, seguidos de 21% que assistem uma hora, 13% três horas, 11% quatro horas e 8,5% menos de uma hora. Na comparação com as pesquisas realizadas, não houve diferença relevante, e nelas os programas de preferência mencionados foram os telejornais e o Programa do Jô (37% em 1996 e 18,5% em 2000). Atualmente os telejornais são a preferência dos estudantes (27%), sendo que o Programa do Jô foi mencionado por apenas 4%.

Quarenta e dois por cento dos estudantes possuem emprego regular, mantendo-se a percentagem dos outros resultados (42,2% em 2000 e 35% em 1996), e uma ligeira alta referente aos que não possuem emprego regular (58% em 2004, 55% em 2000 e 50% em 1996). Detectou-se que 12,5% possuem emprego regular e fazem estágio. Em relação às horas trabalhadas nos empregos regulares, nota-se queda acentuada na carga horária de quarenta horas semanais, sendo 80% em 1996, 60% em 2000 e 56% em 2004. Hoje, 29% dos pesquisados trabalham menos de quarenta horas semanais, enquanto 15% trabalham mais de quarenta horas semanais.

Atualmente, pouco mais da metade dos estudantes (53%) que tem emprego regular ganha entre 501 a 1.000 reais, seguidos pelos 23% que recebem de 301 a 500 reais. A remuneração inferior a 300 reais é representada por 6% dos pesquisados, e apenas 3% ganham entre 1.500 e 2.000 reais e 3% recebem mais de 2.000 reais. Neste ponto, também não se leva em conta uma comparação com as pesquisas de 1996 e 2000 por conta das desvalorizações monetárias do período. A renda média dos moradores da cidade do Rio de Janeiro é em torno de 1.100 reais (segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), ou seja, a maior parte dos trabalhadores/estudantes (82%) tem remuneração abaixo da média

regional. Apesar dos resultados referentes à renda dos empregados, há níveis de satisfação com os empregos, sendo: 62% razoavelmente satisfeitos, 26% muito satisfeitos e nada satisfeitos uma minoria de 12%. Estes resultados são bem similares aos anteriores.

Para os estudantes que trabalham, a principal implicação na vida acadêmica foi a de não interferir (53%), para 35% o trabalho complementa academicamente e apenas para 9% o trabalho prejudica ao contrário dos anteriormente pesquisados, 28% e 30% em 1996 e 2000.

Sessenta e cinco por cento dos estudantes dividem o seu tempo acadêmico com algum tipo de estágio, bem próximos dos 66% de 1996 e pouco distantes dos 51% de 2000. Em 1996 e 2000, 64% e 40,5% dos discentes tomavam conhecimento da oferta de vagas de estágios por intermédio de seus colegas de curso. Atualmente, esta comunicação atinge 32% dos pesquisados. Percebe-se que hoje, 26% dos estudantes ficam sabendo dos estágios pelo quadro de avisos na Universidade, diferentemente de 1996 (18%) e 2000 (23%). Para outros 32%, as agências de integração entre as instituições contratantes e as universidades são as responsáveis pela comunicação das vagas.

A remuneração dos estágios concentra-se em duas faixas: 41,5% recebem mais de 500 reais de bolsa, enquanto 43% recebem entre 301 e 500 reais. Apenas 9,5% recebem bolsas de menos de 300 reais. Neste item, somente os resultados em relação ao estágio não-remunerado são comparados aos antecedentes. Bem próximos dos 7% de 1996, 6% (2004) dos estagiários desenvolvem estágios não-remunerados, ao largo dos 15% apresentados em 2000.

O encontro dos dados precedentes com os dados atuais revelou mudanças acentuadas em relação à carga horária semanal dos estágios desenvolvidos pelos examinados. Em 1996, 52% tinham uma carga horária de 20 horas semanais, em 2000, 42% e em 2004, 28%. Ao contrário da queda dos estágios de 20 horas semanais, os de 30 horas passaram a predominar, 34% dos estudantes cumprem esta carga, diferentemente dos 19% em 2000 e dos 7% em 1996. Os estágios de carga de 40 horas semanais são realizados por 28%, hoje, e eram realizados por 24% em 2000 e por 32% em 1996. Revela-se que atualmente os estágios estão sendo oferecidos e desenvolvidos em carga horária maior.

A maioria dos entrevistados, 57%, declarou que o principal motivo que os levou ao estágio foi o treinamento profissional. Mas esse percentual decresceu em

relação às pesquisas de 1996 e 2000, que obtiveram resultados quase idênticos: 82% e 80%. Enquanto que 17% afirmaram que a principal razão foi a busca de maior autonomia financeira e 13% complementação da renda familiar, sendo que 7,5% não responderam a esta questão.

O nível de satisfação dos estágios continua predominante, hoje, 47% dos estagiários estão muito satisfeitos, assim como os 46% em 2000 e os 50% em 1996. Razoavelmente satisfeitos é o que apontam 45% dos estagiários atualmente e em 1996, e de tal modo 50% em 2000. Entretanto, o pequeno número de nada satisfeitos (8%) dobrou em relação à pesquisa de 2000 (4%) e apresentou alta em relação ao resultado de 1996 (5%). 72% dos pesquisados declararam que o estágio complementa a vida acadêmica, também apontado nas pesquisas anteriores, mas com porcentagens maiores: 89% em 1996 e 83% em 2000. Atualmente, 15% afirmaram que o estágio não interfere na vida acadêmica e 9,5% que não prejudica.

Com relação ao conhecimento do curso de Arquivologia, 42% tomaram conhecimento por meio de amigos ou parentes (43% em 2000 e 36% em 1996), 21% (17% em 2000 e 15% em 1996) através da imprensa e 8,5% no trabalho. Outras formas de conhecimento foram apresentadas por 27%, como Manual do Candidato do Vestibular e curso pré-vestibular. A maioria dos discentes (67%) acredita que há boas perspectivas para o formando em Arquivologia, sendo que 33% não acreditam, contrariamente aos 59% de 1996. É menor o número de estudantes que receiam um confronto com o mercado de trabalho ao fim do curso.

Agora, 66% não acham que o curso da UNIRIO prepara melhor que os outros, estes estudantes eram 47% (1996). 25% pensam diferente e acham que o próprio curso prepara melhor que os outros (24% em 1996). 9% não responderam.

A metade exata (50%) dos estudantes considera que os professores possuem boa didática, um pouco mais que os 47,5% que não consideram. Em 1996, 36% concordaram e 56,5% em 2000, no entanto, em 1996, 59% divergiram. A propósito da capacidade da Direção da Escola de solucionar seus problemas, como em 2000, hoje, 67% dos estudantes classificam como boa ou ótima, ao oposto dos 56,5% de 1996 que consideraram ruim ou péssima. A distribuição das disciplinas no horário noturno satisfazia os estudantes em 1996 (77%) e em 2000 (86%). Hoje, o quadro se inverteu, pois 67% não estão satisfeitos com o horário noturno. Quase a totalidade (90%) dos discentes não concorda que o currículo do curso esteja atualizado. As disciplinas mais solicitadas foram: Informática, Sociologia e Filosofia.

Os pesquisados têm interesse especial em: Tecnologias da informação aplicada aos arquivos (72%), Conservação e restauração (60%), Arquivos especiais (57%), Arquivos permanentes (33%) e Arquivos correntes e intermediários (27%).

Com relação às novas questões, sobre onde cursaram o ensino médio, pôde ser verificado que 62% dos discentes cursaram em escola pública, 25% em escola particular e 13% alternaram entre escola pública e particular. Coincidentemente, 62% dos analisados freqüentaram curso pré-vestibular para ingressar na Universidade, seguidos dos 38% que não cursaram. A principal escolha para o curso foi a baixa concorrência no vestibular para 46%, seguida pela experiência na área (15%) e pelo êxito profissional (12%).

Dos pesquisados, 58,5% não possuem o domínio de nenhuma língua estrangeira e 40% afirmaram dominar alguma, sendo as mais citadas: inglês, francês e espanhol.

O meio de locomoção usado por 100% dos estudantes para ir à Universidade é o ônibus, às vezes, combinado com outros meios. Apenas 2,5% utilizam carro.

Com relação à leitura de livros acadêmicos, 51% dizem ter lido algum, 46,5% não leram e 2,5% não responderam. Os autores mais citados foram: Heloísa Bellotto, Marilena Leite Paes, e T. Schellenberg.

Perguntou-se, ainda, se o estudante foi ao cinema e/ou ao teatro neste ano. A resposta foi positiva para 96% dos pesquisados.

O acesso à Internet é obtido diariamente por 66% dos estudantes, 21% têm acesso algumas vezes na semana, 7% raramente têm acesso e 6% uma vez por semana. Costuma-se ter acesso no trabalho ou estágio (61%), em casa (54%), e em ponto de acesso público (5%). Independentemente da freqüência, todos os estudantes “usufruem” a Internet, mas apenas 26% participam de alguma lista de discussão na rede.

Dos empregados regularmente, 35% possuem emprego na área arquivística, exatamente o mesmo percentual de estudantes que dizem ter complementação acadêmica com o trabalho. Com relação aos supervisores dos estágios, 51% têm formação em Arquivologia, 10% não responderam. Dentre outras formações dos supervisores foram mencionadas as seguintes: Administração, Biblioteconomia, Museologia, entre outras.

Para 82% dos discentes, a Universidade não oferece condições física e acadêmica para a execução das funções ensino, pesquisa e extensão. Com relação

às monografias produzidas no curso, 31% tiveram acesso, diferentemente dos 68% que não tiveram.

Com relação ao conhecimento pleno das leis arquivísticas e dos aspectos legais da profissão, 45% afirmam ter e 54% negam. A criação dos Conselhos Federal e Regionais de Arquivologia é considerada necessária por 62% dos estudantes, 26% dizem não possuir opinião formada, enquanto não é necessária para 8,5%. Com relação às associações profissionais, 82% não são associados. Espera-se que os futuros arquivistas devam buscar referenciais sólidos que possibilitem perceber-se como classe e atuar como classe profissional consolidada para fazer gente às questões pontuadas.

Cinquenta e cinco por cento dos pesquisados já participaram de congressos, seminários ou encontros arquivísticos. O evento mais aludido foi o ENEARQ – Encontro Nacional de Estudantes de Arquivologia que, em 2003, ocorreu na UNIRIO. Em referência ao relacionamento acadêmico com outros universitários, 15% dizem não se relacionar. No entanto, 54% se relacionam com estudantes de outras áreas de conhecimento, 24% com estudantes de Museologia e Biblioteconomia e 18% se relacionam com estudantes de outros cursos de Arquivologia.

O trabalho realizado pelo Diretório Acadêmico foi classificado como muito importante para 38% e como necessário para 38%. 15% classificam como pouco importante e 6% como não-necessário.

A pós-graduação é anseio da maior parte dos discentes: 51% pretendem cursá-la em outra universidade e 43% desejam realizá-la na própria UNIRIO. Com relação à licenciatura, 45% pretendem cursá-la e 50% não.

5. CONCLUSÕES

Esta pesquisa apresentou resultados que servem como referências estatísticas, mas, essencialmente, revelam problemas, vontades e evoluções, permitindo a sua ampliação em outros estudos, não tendo aqui o seu encerramento. Além do mais, este estudo deu a oportunidade de vez e voz aos estudantes de Arquivologia da UNIRIO.

Apontamos, a seguir, algumas das transformações ocorridas. A maior parte dos estudantes encontra-se na faixa etária ideal para freqüentar a graduação na universidade, díspar aos resultados precedentes. A menor ocorrência de pais que

não possuem o ensino fundamental completo e o maior número dos que alcançaram o nível superior trazem ao curso um sujeito com maior capital cultural. O aumento significativo de estudantes que visitam exposições (em museus, galerias de arte e centros culturais) e que assistem a filmes e a peças teatrais revela a ampliação qualitativa de seu perfil sócio-cultural. No Brasil, a inclusão digital ainda se desenvolve lentamente e atinge acanhada parcela da população, no entanto, todos os estudantes de Arquivologia da UNIRIO têm acesso a Internet.

É curioso avaliarmos alguns temas indicados pelos estudantes. Foi notória a não-satisfação com a atual grade curricular, mas não foi possível analisando as demais questões sobre a relação com o curso e a área arquivística determinarmos quais seriam os anseios dos estudantes. Podemos justificar a vontade em relação à Sociologia e à Filosofia por conta da necessidade de respostas ao atual mundo tendencioso e questionador. Acreditamos que os estudantes procuram nestas disciplinas uma forma de réplica para que não fiquem à margem. Além disso, supomos que estas escolhas proporcionam um caráter mais acadêmico, ao oferecer um arsenal mais teórico que escapa do senso comum. Ainda quanto à insatisfação com a grade curricular em vigor, nada foi mencionado relativo à introdução de disciplinas que abordem a gestão arquivística de documentos eletrônicos, políticas de informação e acesso e legislação arquivística para sua efetiva melhoria. Estas ausências são bastante significativas, mas em relação aos documentos eletrônicos, presumimos que eles estejam ocultados em Informática.

Notadamente, tornou-se visível a insatisfação com o horário noturno. Entendemos que este desagrado seja uma interferência das questões de violência metropolitana. Efetivamente, não foi apresentada uma disposição para um curso diurno.

É de grande interesse a demanda pela formação continuada, revelada por mais de 90% dos discentes, embora não possamos afirmar se isso se deva à vontade de complementação da formação meramente tecnicista obtida ou se simplesmente a busca por uma melhor locação profissional.

Acusamos que nos últimos oito anos, os problemas de estrutura universitária permaneceram os mesmos, não oferecendo condições acadêmicas e técnicas para a execução das funções essenciais: ensino, pesquisa e extensão.

Este estudo nos ofereceu a oportunidade de ampliar nossas perspectivas como futuros arquivistas, não se conformando com a situação pouco vantajosa e,

muito menos, lamentando por ela. Esperamos que trabalhos como esse e outros impeçam que se estabeleça a inércia e contribuam para o aperfeiçoamento da formação em Arquivologia no Brasil. Formação que pode aliar as idéias de solidariedade e competição, contribuindo para a educação de estudantes cidadãos, mas prontos para a competitividade que encontrarão quando graduados.

6. NOTAS E REFERÊNCIAS

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Unesp, 2001.

COX, Richard. A advocacia dos currículos de graduação em Arquivologia: uma perspectiva norte-americana. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 59-70, 1998.

INDOLFO, Ana Celeste. O Perfil dos Estudantes de Arquivologia da UNI-RIO. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. **A formação do Arquivista no Brasil**. Niterói: EDUFF, 1999.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. O Perfil do Aluno do Curso de Arquivologia da UFF. In: _____. **A formação do Arquivista no Brasil**. Niterói: EDUFF, 1999.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. Educação arquivística, pesquisa e documentos eletrônicos. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 52-55, 2003.

MARIZ, Anna Carla Almeida. Perfil do Aluno de Arquivologia da UNIRIO no ano 2000. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 15-19, 2003.

MATOS, Maria Teresa N. de Brito; AMARAL, Erenilda Custódio dos S.; RIOS, Isaac Rozas. O Perfil dos Estudantes do Curso de Graduação em Arquivologia da UFBA. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 50-55, 2002,.

SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de; CANUTO, Rejane Soares. O Perfil do Aluno de Arquivologia da Universidade de Brasília. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 27-30, 2002.